

**INSTITUTO SUPERIOR MIGUEL TORGA**

Escola Superior de Altos Estudos

**REDES SOCIAIS PESSOAIS E FAMÍLIA NAS FASES FINAIS  
DO CICLO VITAL**

Um estudo de tipologia de redes

**ADNEUSA MARQUES VIEIRA**

Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica

Coimbra, 2015



# Redes sociais pessoais e família nas fases finais do ciclo vital

Um estudo de tipologia de redes

ADNEUSA MARQUES VIEIRA

Dissertação apresentada ao ISMT para obtenção do Grau de Mestre em Psicologia

Clínica; Ramo de Especialização em Psicoterapia e Psicologia Clínica

Orientador: Professor Doutor Henrique Testa Vicente

Coimbra, Julho de 2015

## **Agradecimentos**

Ao meu pai, que desde cedo me ensinou a importância de lutar pelos meus objetivos e de me sentir realizada.

À minha mãe, em especial, por ser um exemplo a seguir e por todo o seu esforço para que eu pudesse ter uma formação.

A ambos por, mesmo não estando presentes, serem uma fonte de coragem para ultrapassar os obstáculos.

À minha irmã pela paciência, força e amizade, por confiar em mim e num futuro melhor.

Aos meus tios, pela paciência, pelo companheirismo e por me ajudarem a enfrentar as adversidades.

A alguém que tem sido mais do que um pai, pelos diversos tipos de apoio e aconselhamento.

Aos meus amigos que me encorajaram e ajudaram a concentrar-me nos meus objetivos.

Ao Professor Doutor Henrique Vicente por todo o apoio, paciência e confiança e por me enriquecer tanto a nível académico como pessoal.

A todos vós, por me ajudaram a alcançar esta meta.

## RESUMO

**Introdução:** Por tipologias de redes entende-se o agrupamento de redes sociais com características e padrões semelhantes entre si. A formação de uma tipologia torna-se relevante, pois permite entender as diferenças e semelhanças, estruturais e funcionais, entre os diferentes tipos de rede, bem como identificar os seus pontos fortes e fracos.

**Objectivos:** O presente estudo visa a criação de uma tipologia de rede de idosos portugueses, tendo por base a variável composição da rede, discriminando redes exclusivamente compostas por familiares daquelas que integram elementos exteriores ao sistema familiar. Os objectivos deste estudo incluem: analisar as diferenças e/ou semelhanças entre estes dois tipos de rede no que concerne a variáveis estruturais e funcionais; analisar as intercessões entre os dois tipos de rede e variáveis sociodemográficas; analisar as diferenças ao nível de variáveis de saúde e bem-estar entre as redes exclusivamente familiares e as diversificadas.

**Materiais e Métodos:** Para atingir estes objectivos, aplicou-se o Instrumento de Análise da Rede Social Pessoal - IARSP-Idosos (Guadalupe e Vicente, 2012), o *Mental Health Inventory-5* (MHI-5) (Ribeiro, 2001), e o *Satisfaction With Life Scale* (SWLS) (Simões, 1992) a 567 idosos, com idades compreendidas entre os 65 e os 98 anos ( $M=75,53$ ;  $DP=7,60$ ), maioritariamente do sexo feminino (63%).

**Resultados** Verificou-se que o tipo de rede apresenta associações estatisticamente significativas com as variáveis sociodemográficas estado civil, p(m)aternidade, zona de residência, padrão residencial, e institucionalização. O tipo de rede está ainda associado a diferentes características estruturais (as redes diversificadas são maiores, com maior dispersão geográfica e menor densidade) e diferentes características funcionais (as redes exclusivamente familiares apresentam maiores índices de suporte emocional, material/instrumental e de companhia). Por último, os diferentes tipos de rede não estão associados significativamente às variáveis de bem-estar consideradas (saúde mental e satisfação com a vida), embora as pontuações mais elevadas se verifiquem nas redes exclusivamente familiares.

**Discussão/Conclusão:** A tipologia de rede definida permitiu identificar pontos fortes e fragilidades nas redes exclusivamente familiares e diversificadas, relevantes do ponto de vista da intervenção e investigação. Sugerem-se estudos adicionais que adoptem tipologias mais complexas para melhor capturar a diversidade das redes sociais nas fases finais do ciclo vital.

**Palavras-chave:** rede social pessoal, tipologia de rede, idosos, família.

## **ABSTRACT**

**Introduction:** The construction of networks typologies consists in grouping social networks with similar patterns and characteristics. The classification of network types becomes relevant because it helps to understand the structural and functional differences and similarities between different types of networks, and identifies their strengths and weaknesses.

**Objectives:** This study aims to create a network typology of Portuguese elders based on the network composition variable, distinguishing networks exclusively composed of family members from those that integrate elements outside the family system. The objectives include: analyze the differences and/or similarities between these two types of networks, regarding its structural and functional dimensions; analyze the intersections between network types and sociodemographic variables; analyze differences in health and well-being variables between exclusively familial networks and diverse family networks.

**Materials and Methods:** To achieve these goals, we applied the *Instrumento de Análise da Rede Social Pessoal - IARSP-Idosos* (Guadalupe e Vicente, 2012), the Mental Health Inventory-5 (MHI-5) (Ribeiro, 2001), and the Satisfaction With Life Scale (SWLS) (Simões, 1992) to a sample of 567 Portuguese elders, aged between 65 and 98 years ( $M = 75.53$ ,  $SD = 7.60$ ), mostly female (63%).

**Results:** It was found that network type has statistically significant associations with the following socio-demographic variables: marital status, p(m)aternity, residential area, cohabitation patterns and institutionalization. Network type is also associated with different structural characteristics (diverse networks are larger, more geographically dispersed and less dense) and different functional characteristics (exclusively familial networks have higher levels of emotional, material/instrumental and companionship support). Finally, different types of network are not significantly associated to the well-being variables considered (mental health and life satisfaction), although exclusively familial networks encompass the highest scores.

**Discussion/Conclusions:** The network typology allowed the identification of strengths and weaknesses of exclusively familial networks and diverse networks, relevant from

the intervention and research perspective. Additional studies are suggested to adopt more complex typologies, in order to capture the diversity of social networks in the final stages of the life cycle.

**Keywords:** Personal social network, networks typology, elderly, family.

## INTRODUÇÃO

Por rede social pessoal entende-se um conjunto de relações interpessoais, percebidas como significativas, que um indivíduo estabelece com outrem, dentro e fora da esfera familiar, que lhe permitem um sentimento de pertença a determinado(s) grupo(s) e uma noção da sua própria identidade (Antonucci, 2001; Sluzki, 1996). Litwin (2001, p. 516) também definiu este conceito, afirmando tratar-se de “um conjunto de laços interpessoais que pessoas de todas as idades mantêm em diversos contextos”, sendo que nestes laços pode, ou não, ser encontrada uma fonte de suporte social. As relações interpessoais são a base da rede social pessoal e, neste contexto, podem formar-se vínculos de natureza formal ou informal. As redes informais são pautadas por um apoio voluntário, oriundo de vínculos mais íntimos, providas de uma proximidade e reciprocidade presentes nas relações de vizinhança, amizade ou, na grande maioria, parentesco, e não recebendo qualquer tipo de remuneração (Rosa e Benício, 2009; Litwin, 1995). Wenger (1989) defende que a maioria do apoio cedido ao idoso é de carácter informal. No que diz respeito às redes formais, o apoio recebido provém de instituições e serviços, ambos públicos ou privados, e é prestado por profissionais que intervêm nas áreas em que surgem determinadas necessidades, podendo ser remunerado/recompensado (Costa, 2012; Rosa e Benício, 2009; Litwin, 1995). Este apoio prestado pela rede social pessoal, pelo entorno social significativo para cada pessoa (Sluzki, 1996), pode ter um carácter emocional/afetivo, instrumental ou tangível (providenciando apoio directo e serviços), cognitivo (dando conselhos e *feedback*), e a nível da advocacia, intervindo pelos/em nome dos membros da rede (Litwin, 1995).

Existem particularidades na rede social que importam explorar aquando do estudo da mesma, de modo a entender a sua formação e funcionalidade. Assim, importa caracterizar as redes segundo um conjunto de variáveis que incluem as estruturais, funcionais (relativamente ao tipo e conjunto de trocas interpessoais nas relações estabelecidas) e os atributos de vínculos, isto é, as propriedades específicas de cada vínculo (Sluzki, 1996).

Relativamente à estrutura da rede, Sluzki (1996) definiu sete categorias: tamanho, densidade, composição/distribuição, dispersão, homo/heterogeneidade, atributos de vínculo específicos e tipo de funções. No que respeita ao tamanho, ou seja, o número de pessoas que constituem a rede, Sluzki (1996) assinala que quanto maior a

sua dimensão, menor se torna a eficácia da rede de suporte, devido ao risco de negligência das responsabilidades; por outro lado, as redes menos numerosas podem tender à sobrecarga, sendo expectável que o tamanho diminua com o envelhecimento. Relativamente à densidade, trata-se da ligação entre os elementos que compõem a rede, independentemente do sujeito central. Quando o nível da densidade é elevado, há o risco de conformidade e de baixa eficiência; no entanto, quando o mesmo é reduzido, a eficácia é igualmente menor, devido à ausência de um potencializador de confronto. Assim, esta deve ser mediana, favorecendo a eficácia e o confronto de impressões. A rede também se caracteriza pela composição, ou seja, a distribuição dos elementos que a compõem por diferentes campos relacionais (e.g. família, amigos, vizinhos, colegas de trabalho e de estudo) (Sluzki, 1996). Segundo Coimbra (1990), a natureza e a composição da rede, caso desajustadas, podem ser destrutivas para o sujeito a quem a mesma pertence. Quando muito concentradas num determinado campo relacional, tendem a ser menos efetivas e flexíveis; por outro lado, quando muito amplas, mas homogéneas, são mais inertes/menos reactivas. A dispersão da rede, ou seja, a distância geográfica entre os membros, afecta a facilidade de acesso/contactos efectivos, e a homogeneidade / heterogeneidade das características sociodemográficas do grupo influencia a identidade do inquirido.

Quanto aos atributos de vínculos específicos, estão relacionados com o compromisso e a carga da relação, a durabilidade desta e a história em comum entre o informante e as suas relações interpessoais. Sluzki (1996) dividiu os atributos do vínculo em seis variáveis interdependentes, sendo os mesmos constituídos pela função prevalecente, ou seja, aquela(s) que caracteriza(m) esse vínculo; a versatilidade ou multidimensionalidade, traduzida pela quantidade de funções que são cumpridas; a reciprocidade, podendo ser simétrica ou assimétrica, consoante a equivalência ou não, respectivamente, no cumprimento de determinada função; a intensidade ou o compromisso da relação, que corresponde ao grau de intimidade e atração entre os membros; a frequência de contactos, que deve ser tanto maior quanto a maior a distância entre os elementos, de modo a que a intensidade do vínculo se mantenha e, por último, a história ou a experiência prévia do vínculo.

Já nos tipos de funções, são analisados quais os desempenhados por cada vínculo ou grupo (Sluzki, 1996). Em cada rede devem ser desempenhadas determinadas funções. A companhia social, para além do conceito em si mesmo, pode direccionar-se à realização de actividades em conjunto. O apoio emocional, ao qual subjazem atitudes



empáticas, estimuladoras e de compreensão, implica uma ressonância emocional e boa vontade por parte do outro. Trata-se de um tipo de apoio existente nas relações de amizades íntimas e nas familiares. O guia cognitivo e aconselhamento é também uma função da rede, cujo objectivo é partilhar informações sociais ou pessoais. A regulação social dá-se nas interações que “recordem e reafirmem responsabilidades” (Sluzki, 1996, p. 50) de forma a que se evitem os comportamentos desviantes. A rede deve, igualmente, providenciar ajuda material e de serviços, cedendo informações relativas a serviços, nomeadamente, de saúde. Da mesma forma, deve fomentar o acesso a novos contactos que, embora nem sempre reconhecido, é um potencial atributo nas relações estabelecidas. As diferentes pessoas da rede podem desempenhar diferentes funções. Geralmente, as relações íntimas familiares ou de amigos compreendem um maior número de funções, podendo, por vezes, transcender as supracitadas. As funções exercidas em cada rede nem sempre têm um efeito positivo, por exemplo, quando os elementos da rede não permitem que o sujeito adopte comportamentos saudáveis (Figueiredo, 2007). Embora os membros que constituem uma rede social se tornem, por vezes, pouco benéficos para o indivíduo a quem a mesma pertence, a rede é normalmente associada à função de suporte social (Litwin, 1995). O apoio recebido e as funções desempenhadas dependem do tipo de rede e dos elementos que a formam (Figueiredo, 2007).

De salientar que outros autores utilizam categorizações das variáveis da rede social diferentes da proposta por Sluzki (1996). Assim, Vicente e Sousa (2012) propõem dividir as variáveis da rede em estruturais (tamanho, composição, homo/heterogeneidade, densidade, dispersão, reciprocidade, frequência de contatos, durabilidade, intimidade e conflito) e funcionais (apoio emocional, apoio material e instrumental, apoio instrumental, apoio técnico ou de serviços, guia cognitivo e aconselhamento, acesso a novos contactos, companhia social e regulação social) e Litwin (1995) também utiliza uma categorização similar.

A relevância da rede social pode ser comprovada nos diversos estudos que relacionam este conceito com o bem-estar físico e psicológico (Litwin, 2001; Golden et al., 2009; Antonucci, 2001; Fiori et al., 2006). Por esse motivo, importa analisar as funcionalidades das redes sociais pessoais na população idosa, até porque a literatura salienta um conjunto de transformações nas redes com o passar dos anos que, num quadro sociodemográfico pontuado pelo envelhecimento da sociedade, urge cada vez mais compreender. Com o envelhecimento, as redes tendem a ser menos numerosas,

provavelmente devido a uma socialização mais reduzida, gerada pela entrada na reforma, bem como pelo falecimento de entes queridos, reestruturação da família, mudanças contextuais que se dão ao longo dos anos e pelo aumento das suas fragilidades (Meléndez-Moral et al., 2007; Wenger, 1989). Embora na disponibilidade e adequação dos laços das redes estes sujeitos apresentem um elevado grau de suporte, parecem receber mais apoio instrumental por parte dos familiares do que apoio emocional, sendo este mais recebido pelos amigos e grupos da mesma idade. A reciprocidade tende a diminuir com a idade, especialmente dentro de redes de base familiar (Litwin, 1995). No que diz respeito ao apoio material/instrumental, este é particularmente relevante na velhice, uma vez que os indivíduos podem perder, progressivamente, a capacidade de recorrer a recursos pessoais (Figueiredo, 2007). Todos estes factores levam a que, independentemente da sua resiliência, o idoso e a sua rede sofram, por vezes, uma redução de dimensão e eficácia da sua rede social de suporte (Litwin, 1995). Cabral e colaboradores (2013) afirmam que quanto maior for a dimensão da rede, maior será o apoio de aconselhamento, sendo este apoio extremamente importante, colmatando a pouca acessibilidade a determinados tipos de informação e ajuda. Os mesmos autores defendem ainda a proporcionalidade direta entre o suporte recebido e a qualidade de vida do sujeito, alegando que esse apoio terá repercussões no envelhecimento saudável, uma hipótese apoiada igualmente por Antonucci (2001).

No âmbito dos estudos de redes sociais na velhice, emergiu em anos recentes uma tendência investigativa que consiste na definição de tipologias, ou seja, no agrupamento de redes, segundo alguns critérios, de modo a explorar e compreender as divergências estruturais e funcionais entre os grupos resultantes. As tipologias de rede formam-se através de um aglomerado de características e padrões dos laços sociais subjacentes a determinado tipo de rede, permitindo entender como cada um destes funciona. Através das mesmas são demonstradas e analisadas as diferenças e semelhanças que se podem encontrar em cada tipo de rede. Estes estudos afiguram-se relevantes pois os vários “tipos de rede” resultantes permitem identificar as necessidades típicas emergentes em cada um (Litwin, 1995; 1996; 2001; Wenger, 1989), verificar os seus pontos/aspectos fortes e fracos, bem como a forma como estes irão influenciar as relações e suportes na rede (Wenger, 1991). A construção de uma tipologia de rede tem habitualmente como base componentes/variáveis estruturais e funcionais, sendo também analisada conjuntamente com variáveis sociodemográficas

(Litwin, 2001). Não se destinam apenas a analisar a estrutura e o suporte de cada rede, mas principalmente a entender as mudanças de características que ocorrem consoante os diferentes tipos de redes agrupados, e respectivas consequências (Litwin, 1995; 1996). São relevantes na medida em que, através destas, é possível entender a evolução da rede, bem como o apoio, formal e/ou informal, que cada rede necessita e dispõe (Litwin, 1996). Relativamente aos idosos, o estudo dos tipos de rede é percebido como cada vez mais relevante, na medida em que permite aos profissionais que trabalham com esta população consciencializarem-se dos ambientes disponíveis para estes indivíduos, quais os que prejudicam ou beneficiam a saúde e o bem-estar e como envolvê-los nos meios mais propícios a uma melhor qualidade de vida (Fiori et al., 2006). Os tipos de rede permitem assim avaliar e entender o ambiente interpessoal do sujeito, podendo ajudar a avaliar os riscos (prevenção) e a eficácia da intervenção (prestação de suporte social) (Litwin e Shiovitz-Ezra, 2010; Litwin, 2001; Wenger, 1989).

Ao longo da literatura foram identificadas diferentes tipologias, com divergências e similitudes, que seguidamente serão abordadas. Wenger (1991) realizou um estudo longitudinal (iniciado em 1979) em comunidades rurais de Norte de Gales, Reino Unido, com o objectivo explorar a natureza do suporte da rede social disponível para os idosos (indivíduos com mais de 65 anos). Num primeiro momento, recolheu-se informação relativa ao tamanho (quantidade de pessoas envolvidas), composição (quem eram as pessoas envolvidas) e função (apoios prestados) das redes de suporte ego-centradas de 534 indivíduos, para além de outros dados, como por exemplo, contactos com os serviços de saúde e sociais, contactos com familiares, solidão, isolamento e estado de espírito ou moral/humor. Num segundo momento, com base em dados qualitativos de 30 sujeitos relativamente a determinadas variáveis (proximidade dos familiares próximos; proporção de família, amigos e vizinhos; nível de interacção entre os entrevistados e os seus familiares, amigos, vizinhos e grupos da comunidade), foi possível identificar cinco tipos de redes. O tipo “rede de suporte dependente da família” (*“family dependent support network”*) está mais centrado nos laços construídos com familiares mais próximos, sendo pouco caracterizado por relações periféricas com amigos e vizinhos. Normalmente, os idosos com este tipo de rede habitam com os seus filhos mais velhos, ou com alguém da sua fratria, ou quando residem em casas separadas têm uma distância geográfica muito reduzida destes elementos. Nestes casos, era ainda mais frequente o idoso depender principalmente da filha. No tipo “rede de suporte integrada localmente” (*“locally integrated support network”*) estão presentes as

relações próximas com família, vizinhos e amigos locais. Neste tipo de rede é recorrente os amigos serem, simultaneamente, vizinhos. Normalmente, os indivíduos com esta rede habitavam as suas residências há bastante tempo, e apresentavam um envolvimento ativo na comunidade, no presente ou no passado recente. Na “rede de suporte local autocontida” (“*local self-contained support network*”) são características as relações com pouca intimidade ou contato. Nestes casos os indivíduos possuem pelo menos um familiar – irmão, sobrinho ou sobrinha – a viver na mesma comunidade, ou numa adjacente. Embora dependam essencialmente dos vizinhos, os sujeitos com este tipo de rede adotam um estilo de vida mais caseiro, com um envolvimento na comunidade muito reduzido ou inexistente. Quanto à “rede de suporte focada na comunidade alargada” (“*wider community-focused support network*”) segue um padrão de relacionamentos ativos com familiares distantes, normalmente filhos, embora seja comum a ausência de familiares que morem na mesma localidade. Denota-se uma elevada presença de amigos na rede, em contraste com a reduzida quantidade de vizinhos, sendo que, por norma, os amigos não são vizinhos. Idosos com esta rede encontram-se normalmente envolvidos em organizações voluntárias da comunidade. Por último, a “rede de suporte restrita e privada” (“*private restricted support network*”) é caracterizada por uma ausência de familiares na localidade de residência. No entanto, por vezes é possível identificar a existência de um cônjuge. Neste tipo de rede, o contato com os vizinhos é mínimo, não estão presentes amigos próximos da sua localidade e o envolvimento e contato na comunidade estão também em falta.

Numa fase mais avançada deste estudo longitudinal sobre o envelhecimento, Wenger e colaboradores (1996) realizaram uma investigação acerca do isolamento social e da solidão, de onde se depreendeu que um dos fatores que influencia estes dois fenómenos é o tipo de rede. Com base nas variáveis “disponibilidade de familiares próximos”, “nível de envolvimento de familiares, amigos e vizinhos” e “nível de interação com a comunidade e grupos voluntários” foram definidos tipos similares aos descritos anteriormente, com características semelhantes. Nas redes “dependentes da família” o envolvimento na comunidade é geralmente reduzido e o apoio recebido provém de laços de parentesco. São redes tendencialmente pequenas e os idosos são, na sua maioria, mais envelhecidos, viúvos e menos saudáveis do que nos restantes tipos de rede. O tipo de rede “integrada localmente” tende a ser uma rede de grande dimensão, relativamente à média. Por oposição, o tamanho da rede “localmente autocontida” situa-se abaixo da média. A rede “focada na comunidade alargada” difere da descrita no

estudo anterior por apresentar uma elevada quantidade de vizinhos, possuindo um tamanho acima da média. A rede “restrita e privada” também difere um pouco da encontrada no estudo anterior, pois embora haja uma ausência de familiares na localidade, a maior parte dos inquiridos é casado e possui amigos próximos da sua localidade, apesar de poucos. Este tipo de rede possui dois subtipos, de casais independentes e de idosos dependentes que se reformaram ou que se isolaram do meio envolvente. Trata-se de uma rede de dimensão abaixo da média.

Num estudo realizado por Litwin (1995) em Israel, na qual participaram 254 idosos soviéticos emigrados, foi igualmente definida uma tipologia de rede relevante para o presente estudo. Os dados foram recolhidos através de entrevistas que visavam informação sociodemográfica e acerca das redes sociais dos inquiridos, antes e depois da migração. Através de uma análise de *cluster* computadorizada foram definidos quatro tipos de redes dos inquiridos na pós-migração, consoante as pontuações nas variáveis da estrutura da rede, como a composição e o tamanho: “rede de parentela” (“*kin network*”); “rede familiar intensa” (“*family intensive network*”); “rede focada nos amigos” (“*friend focused network*”); “rede de laços difusos” (“*diffuse network*”). A “rede de parentela” é constituída essencialmente pelos membros da família extensa. Isto é, para além do cônjuge e dos filhos, é caracterizada por uma grande proximidade dos laços afectivos com os restantes membros familiares. No entanto, embora a duração desta rede seja considerável, o contacto e a proximidade residencial são menores. A “rede familiar intensa” é composta principalmente por cônjuge e filhos, cujo grau de proximidade, duração dos laços e frequência de contactos são bastante elevados. Embora os membros estejam mais aptos a comportamentos solidários, a probabilidade de conflitos também se torna maior. A “rede focada nos amigos” é maioritariamente composta por laços de amizade. Apresenta moderada duração, contacto e proximidade residencial entre os membros, sendo que o nível de intimidade é bastante limitado. Este tipo de rede pode pertencer a sujeitos solitários que necessitam de contactos sociais para além dos ocasionais. Quanto à “rede de laços difusos”, é a menos íntima de todos os tipos. Os sujeitos que formam este tipo de rede tendem a relacionar-se com amigos, vizinhos ou outros como se de família se tratassem. A duração dos laços, frequência de contactos e proximidade residencial entre os elementos são os mais reduzidos. Neste tipo de rede, embora se verifique uma grande quantidade de contactos, a qualidade das trocas é pouco significativa.

Este estudo afigura-se particularmente interessante, pois considerou igualmente a relação entre as diferentes variáveis de rede e a percepção subjectiva de saúde, satisfação com a imigração e saúde mental. Contudo, o autor do estudo optou por não considerar a tipologia anteriormente descrita na análise destes resultados, pois as variáveis de rede tomadas isoladamente detinham maior poder discriminatório nas três variáveis de saúde e bem-estar referenciadas. Assim, o tamanho da rede, o número de pessoas íntimas, o número de membros da família alargada e o número de outros elementos, estavam positivamente correlacionados com uma melhor percepção do estado de saúde. Apenas uma variável funcional, o nível de apoio emocional, estava correlacionada positivamente com a percepção do estado de saúde. Apesar destes resultados, o determinante mais significativo da percepção de saúde eram as limitações físicas. A questão que aqui se coloca é se um melhor estado de saúde facultava as condições para criar e manter uma rede mais extensa ou se, por outro lado, é a rede social que tem um impacto na saúde como variável mediadora do *stress*. Os resultados deste estudo facultam suporte para a primeira hipótese. Já no que respeita à saúde mental, os resultados indicam uma correlação significativa e positiva com o tamanho, percentagem de pessoas íntimas, presença de família nuclear e amigos, providência de apoio emocional e de confidentes, e satisfação com a rede. A redução no tamanho, na percentagem de amigos, nos apoios emocionais e de confidentes estavam associados a níveis superiores de depressão. Tal como na variável percepção de saúde, as limitações físicas explicavam uma parte significativa da variabilidade na escala de depressão, mas a diferença é que, neste campo em particular, também as variáveis de rede – presença de outros, satisfação com os laços sociais e perda de apoio emocional – explicavam uma parte substantiva da variabilidade na medida de saúde mental considerada. Ou seja, as variáveis de rede são particularmente relevantes para analisar a vulnerabilidade à doença mental, nomeadamente à depressão.

Em 2001, o mesmo autor voltou a realizar um estudo com o objetivo de obter tipos de redes numa amostra de 2079 idosos judeus em Israel, bem como de relacionar cada tipo de rede com a moral/humor dos inquiridos, tendo em conta as características demográficas, ambientais e de saúde. Através de uma análise de *clusters* obtiveram-se cinco tipos de redes: “rede diversificada” (“*diverse network*”); “rede de amizade” (“*friends network*”); “rede de vizinhança” (“*neighbors network*”); “rede familiar” (“*family network*”) e “rede restrita” (“*restricted network*”). As “redes diversificadas” são as mais prevalentes entre a amostra estudada. Os indivíduos com este tipo de rede

são geralmente casados, têm em média um filho nas redondezas, apresentam uma frequência de contactos elevada com filhos, amigos e vizinhos, e frequentam ocasionalmente a sinagoga. As “redes de amizade”, igualmente prevalentes, são semelhantes às diversificadas, mas os indivíduos com este tipo de rede reportam uma frequência de contacto mínima com os vizinhos. As “redes de vizinhança” são caracterizadas por uma frequência de contactos elevada com os filhos adultos e os vizinhos, mas não com os amigos. São menos prevalentes e ocorrem mais frequentemente em indivíduos sem cônjuge. Nas “redes familiares” é reportada uma elevada frequência de contacto com os filhos, que vivem próximos, e uma frequência regular da sinagoga. Estas redes, pouco prevalentes, apresentam contactos mínimos com vizinhos e amigos. As “redes restritas” representam o conjunto mais limitado de laços sociais. Estas redes são mais frequentes entre os idosos sem cônjuge, implicando uma frequência de contactos limitada com filhos adultos, e quase nenhum contacto com amigos ou vizinhos. Relativamente ao género do sujeito focal, foi possível observar que as “redes de vizinhança” eram mais frequentes entre as mulheres, enquanto que as “redes de amizades” e “redes diversificadas” o eram nos homens. No que respeita à idade, os mais novos tendem a apresentar redes familiares, diversificadas e de amizades, enquanto os mais velhos apresentam redes restritas. Neste estudo, verificou-se que, apesar dos níveis de incapacidade física serem os melhores preditores dos níveis de humor, os tipos de rede diversificada e de amizade também eram preditores significativos do nível de humor (estes tipos de redes estavam associados a um humor mais positivo). Neste estudo, e aprofundando o estudo referenciado anteriormente, em que não considerava a influência dos tipos de rede num conjunto de variáveis associadas ao bem-estar (Litwin, 1995), Liwtin (2001) sustentou que também o tipo de rede era importante quando se analisavam estas variáveis.

Em 2010, Litwin e Shiovitz-Ezra encontraram grande parte dos tipos supracitados num estudo realizado com uma amostra nacional de 1462 idosos americanos. Através de uma análise de *clusters* aplicada às variáveis “estado civil atual”, “número de filhos”, “número de familiares próximos”, “número de amigos”, “frequência de contatos com vizinhos”, “frequência de comparecimento em serviços religiosos” e “frequência de comparecimento em encontros de grupo organizados”, obtiveram-se cinco tipos de redes: “rede diversificada” (“*diverse network*”); “rede de amizade” (“*friend network*”); “rede de congregados” (“*congregant network*”); “rede familiar” (“*family network*”) e “rede restrita” (“*restricted network*”). A “rede

diversificada” apresentava as maiores percentagens de elementos em estado conjugal, com filhos e familiares próximos. Revelava, ainda, o maior grau de sociabilidade, nomeadamente com vizinhos, e a presença mais frequente nos serviços religiosos. Neste tipo de rede, os sujeitos possuíam um considerável número de amigos, participando com alguma frequência em eventos de grupo organizados. Na “rede de amizade”, cuja “força social” se centrava nos laços extra-familiares, há um maior número de amigos e uma maior frequência nos encontros de grupo. Estas redes apresentavam também uma participação relativamente frequente nos serviços religiosos. Os indivíduos pertencentes à “rede dos congregados” são os que frequentam com mais regularidade os serviços religiosos, embora sejam os que assumem uma menor presença nos encontros de grupo organizados. Deduz-se que a sua interacção social foca-se, essencialmente, com outros congregantes nos seus locais de culto. A “rede familiar” era caracterizada por uma predominância relativamente elevada de filhos, sendo estes a principal fonte de apoio. Por outro lado, é de notar alguma escassez quanto a outros tipos de laços, principalmente de natureza extrafamiliar. A “rede restrita” constituiu-se pelos inquiridos que menos pontuaram em quatro das sete variáveis, sendo que as restantes três variáveis, onde apenas apresentaram resultados intermédios, eram de natureza extrafamiliar. Os sujeitos com este tipo de rede demonstraram ter o menor capital social de toda a amostra e serem os que mais se encontravam em riscos de carácter social. Neste estudo, verificou-se que o tipo de rede estava associado aos diversos indicadores de bem-estar, mesmo depois de se ter eliminado a influência de variáveis concorrentes, de cariz sociodemográfico e de saúde. Os inquiridos com redes caracterizadas por um maior capital social (redes diversas, de amizade e congregantes) tendiam a apresentar melhores níveis de bem-estar, ou seja, menos solidão e ansiedade, e mais felicidade.

Num estudo realizado por Melkas e Jylhä (1996) sobre a composição das redes sociais de idosos finlandeses não institucionalizados, foram identificados cinco tipos de redes, baseados na amplitude/alcance da rede, na intimidade entre os membros da rede, na interacção quotidiana e no apoio prestado. Os tipos de rede formaram-se através de procedimentos estatísticos de análise de *clusters*, onde se obteve uma solução de cinco *clusters*. O primeiro corresponde à “rede dotada” (“*endowed network*”), sendo caracterizada por um grande número de relações de amizade, encontros frequentes com sujeitos fora da esfera familiar, entajuda activa e heterogeneidade quanto às características sociodemográficas. O segundo *cluster* foi denominado “rede percebida” (“*perceived network*”), distinguindo-se do anterior por uma menor



frequência de contactos extrafamiliares. Os sujeitos que apresentam este tipo de redes são maioritariamente idosos jovens, casados e razoavelmente saudáveis, de meios urbanos e classe média. O terceiro *cluster*, “rede “dinâmica/activa” (*“agentic network”*), era caracterizado por uma interacção social exterior à habitação muito frequente, com diferentes tipos de pessoas, e com elevados níveis de apoio prestado e recebido. Estas redes diferem das anteriores na medida em que são mais frequentes em mulheres viúvas, inseridas numa classe trabalhadora ou num meio agrícola, e residentes em ambientes não urbanos. Os sujeitos com este tipo de rede têm idade mais avançada e uma saúde mais debilitada do que aqueles que possuem as redes anteriormente mencionadas. O quarto *cluster*, “rede familiar intensiva” (*“family-intensive network”*), é caracterizado por uma elevada significância dos filhos e uma preocupação em manter os laços entre pais e filhos, sendo menos activa nas restantes relações. Finalmente, a “rede defeituosa” (*“defective network”*) era a mais pequena, devido à quantidade de pessoas sem filhos e à ausência de vizinhos. Estas redes eram ainda caracterizadas pelo número reduzido de amigos e pela ausência de um confidente. Os indivíduos deste tipo de rede adoptam um estilo de vida mais isolado, sendo que a maior parte vive só, não estabelecendo interacções diárias com pessoas não pertencentes à sua habitação (Melkas e Jylhä, 1996).

No contexto nacional, Cabral e colaboradores (2013) realizaram um estudo sobre as redes sociais nos idosos, com 904 sujeitos, incluindo variáveis como a distância geográfica entre o inquirido e os elementos da rede, a idade dos constituintes da rede, os anos de interconhecimento entre o inquirido e os membros da sua rede e o grau de satisfação com esses membros. Através da análise destas variáveis, definiu-se uma tipologia baseada na dimensão e composição, sendo que esta última característica estrutural teve uma maior influência nos dados analisados. Distinguiram-se quatro tipos de redes: “redes pequenas e predominantemente familiares”, “redes pequenas e predominantemente não-familiares”, “redes grandes e predominantemente familiares” e “redes grandes e predominantemente não-familiares”. Nas redes predominantemente familiares encontrou-se uma menor distância geográfica, que se pode dever à elevada percentagem de cônjuges e filhos a partilharem habitação com o inquirido, ou a residirem muito perto do mesmo. Nas redes predominantemente familiares mais pequenas a distância geográfica tornava-se ainda mais reduzida. Por sua vez, nas redes predominantemente não-familiares a predominância recai sobre as relações de vizinhança e de amizade. Nestas redes, independentemente da sua dimensão, a distância

física é maior, dado os elementos viverem ou na vizinhança, ou em localizações mais distantes. Desta forma, e segundo os dados recolhidos que permitem comprovar que à menor distância física se associa uma maior proximidade emocional, é possível deduzir a elevada relevância dos elementos familiares nas redes desta população. Relativamente à idade, as redes predominantemente não-familiares são mais envelhecidas do que as predominantemente familiares; estas últimas são tão mais jovens quanto maior for a sua dimensão, devido à existência de elementos mais novos na rede, como os filhos e os netos. No entanto, as redes predominantemente não-familiares apresentam uma proporcionalidade inversa relativamente ao envelhecimento e à dimensão da rede – por efeito da viuvez nas redes mais pequenas e, nas redes de maior dimensão, devido ao fechamento intrageracional e ao apoio requerido, pelo inquirido, aos elementos extra-familiares da mesma idade (amigos e vizinhos). No que diz respeito ao interconhecimento entre o inquirido e os membros da sua rede, as relações mais duradouras encontram-se nas redes predominantemente familiares, uma vez que as relações estabelecidas nas redes predominantemente não-familiares, principalmente nas de maior dimensão, são mais recentes. Nas redes predominantemente familiares, quanto maior for a sua dimensão, mais antigas serão as relações existentes, devido à presença de familiares que se conhecem desde sempre. No entanto, as redes predominantemente familiares mais pequenas apresentam também uma durabilidade elevada devido à relação conjugal. Quanto à satisfação com os membros da rede, esta é mais notória nos inquiridos com redes predominantemente familiares, sendo o nível de satisfação ligeiramente superior nas redes mais extensas – o que demonstra a relevância atribuída, não apenas ao cônjuge, mas também aos restantes membros familiares nas redes de relações dos idosos. Curiosamente, os inquiridos com redes predominantemente não-familiares de maiores dimensões foram os que demonstraram um menor grau de satisfação, o que pode comprovar uma menor importância atribuída à presença de amigos e vizinhos, comparativamente à presença de familiares. Tal como se verificou, a composição influenciou de forma mais acentuada as variáveis entre os tipos de rede do que a dimensão.

Da revisão da literatura ficou evidente a importância da variável estrutural “composição” na formação de tipologias, nomeadamente no papel da família na rede, que permite distinguir diferentes tipos com características distintas, que permitem prever forças e fragilidades no entorno social dos idosos. O presente estudo visou precisamente a criação de uma tipologia de rede, tendo por base a variável composição,

discriminando redes exclusivamente compostas por família daquelas que integram elementos exteriores ao sistema familiar, sejam eles amigos, vizinhos, colegas de trabalho ou técnicos. Os objectivos deste estudo passam assim por analisar as diferenças e/ou semelhanças entre estes dois tipos de rede no que concerne a variáveis estruturais e funcionais; analisar as intercessões entre estes dois tipos de rede e variáveis sociodemográficas; analisar as diferenças ao nível de variáveis de saúde mental e bem-estar entre os dois tipos definidos.

## MATERIAL E MÉTODOS

### Procedimentos

Este estudo enquadra-se no Projeto “Redes Sociais Pessoais de Idosos Portugueses”, coordenado pelas professoras Professoras Doutoras Sónia Guadalupe e Fernanda Daniel, e pelo Professor Doutor Henrique Vicente. Neste estudo colaboram ainda alunos do 2.º ano dos cursos de Mestrado em Psicologia Clínica e em Serviço Social, do Instituto Superior Miguel Torga.

O projeto de investigação utiliza um protocolo de recolha de dados com 8 secções de questões, a saber: Características sociodemográficas e familiares; Características socioprofissionais e de aposentação; (E)Migração; Saúde e qualidade de vida; Solidão e depressão; Satisfação com a vida, com relações interpessoais e *coping* resiliente; Participação social; Rede Social Pessoal.

Este protocolo inclui nove instrumentos padronizados, em versão integral ou parcial<sup>1</sup>. No presente estudo utilizámos o *Mental Health Inventory-5* (MHI-5) (Ribeiro, 2001), o *Satisfaction With Life Scale* (SWLS) (Simões, 1992) e o **Instrumento de Análise da Rede Social Pessoal - IARSP-Idosos** (Guadalupe e Vicente, 2012).

---

<sup>1</sup> Instrumentos incluídos, parcial ou integralmente: Inventário de Satisfação com a Reforma (Fonseca & Paúl, 1999); MHI-5 – *Mental Health Inventory* (Ribeiro, 2001); *Geriatric Depression Scale GDS Short Form 15* (Yesavage et al., 1983; Almeida & Almeida, 1999); Escala de Solidão da UCLA (Neto, 1989); SWLS - *Satisfaction With Life Scale* (Diener, 1985); *Coping* Resiliente (Sinclair & Wallston, 2003); *Easycare* (2010); WHOQOL (OMS; Canavarro et al., 2006); IARSP - Idosos (Guadalupe & Vicente, 2012).

## Instrumentos

### *Instrumento de Avaliação da Rede Social Pessoal – IARSP*

Para o presente estudo foi utilizado o IARSP, numa versão adaptada para idosos (Guadalupe e Vicente, 2012). Trata-se de um instrumento descritivo e multidimensional, não permitindo uma avaliação psicométrica. Apesar de ser um instrumento de auto-resposta, é passível de ser aplicado nos moldes de uma entrevista, como no presente estudo, sendo que não se estipula um tempo-limite para findar – embora a aplicação dure, em média, 60 a 90 minutos. Com o objetivo de obter informações sobre a estrutura e funcionalidade da rede (Tabela 1), é solicitado ao mesmo que refira o nome de pessoas com quem se relaciona e que considera significativas, bem como alguns dados sobre os mesmos indivíduos.

**Tabela 1**

Variáveis estruturais e funcionais da rede social pessoal.

	<b>Variáveis</b>	<b>Definição</b>
<b>Estruturais</b>	Tamanho	Quantidade de sujeitos com quem o sujeito focal mantém contato e considera significativos
	Frequência de contatos	Regularidade com que o sujeito contata com os sujeitos da sua rede
	Durabilidade	Tempo de duração dos vínculos estabelecidos;
	Dispersão geográfica	Distância geográfica entre o sujeito e os elementos da sua rede
	Densidade	Ligação entre os membros da rede, independentemente do sujeito focal
<b>Funcionais</b>	Apoio emocional	Apoio de caráter afetivo, baseado na empatia e em sentimentos positivos
	Apoio material e instrumental	Inclui apoio prático e material no quotidiano
	Apoio informativo	Partilha de informações sociais sobre onde/a quem recorrer em caso de necessidade
	Companhia social	Partilha de momentos/atividades vividos em conjunto
	Acesso a novos contatos	Ajuda na abertura para outras relações sociais
	Reciprocidade	Nível de trocas de apoio (simétrica ou assimétrica); entreadajuda entre o sujeito focal e as suas relações

O instrumento permite recolher, relativamente a cada um dos sujeitos indicados, características sociodemográficas – sexo e idade –, o tipo de vínculo estabelecido, a durabilidade, a frequência de contatos, a dispersão geográfica, a densidade, a qualidade das funções exercidas e a reciprocidade de apoio da rede. É ainda possível perceber, através deste instrumento, as mudanças ocorridas na rede, bem como a satisfação que o inquirido detém, tanto para com a rede, como com o suporte percebido e recebido pela mesma (Guadalupe e Alarcão, 2009). A categorização das variáveis de rede em duas grandes classes – estruturais e funcionais – segue as indicações de outros estudos (Litwin, 1995; Vicente e Sousa, 2012)

#### *Mental Health Inventory (MHI-5)*

O MHI-5 é uma versão reduzida do MHI, contemplando apenas cinco dos 38 itens da versão original – 11, 17, 19, 27 e 34, sendo que os itens 17 e 34 são cotados inversamente – três dos quais pertencem à escala de *Distress* e dois à escala de Bem-Estar Positivo. Este instrumento pretende avaliar a saúde mental, numa perspectiva positiva e negativa. Trata-se de um questionário de auto-resposta, embora neste caso tenha sido aplicado em modo de entrevista. As respostas são dadas numa escala de Likert com seis opções. As pontuações mais elevadas indicam maior percepção de saúde mental (Ribeiro, 2001). A pontuação desta versão do instrumento varia entre 5 e 30, no entanto, os resultados aqui apresentados encontram-se padronizados, variando entre 0 e 100.

Foi utilizada a versão breve do instrumento, pois verificou-se ser uma boa opção para a investigação (Ribeiro, 2001). A fidelidade deste instrumento é avaliada através do alfa de Cronbach, sendo que no estudo de adaptação de Ribeiro (2001) obteve-se uma consistência interna satisfatória e elevada, com os valores do Alfa a situarem-se na casa dos 0,80. No presente estudo, verificou-se uma boa consistência interna, com um valor de alfa de 0,87.

#### *Satisfaction With Life Scale (SWLS)*

O SWLS – Escala de Satisfação com a Vida (“*Satisfaction With Life Scale*”) – pretende medir/avaliar a satisfação com a vida. Este instrumento contém cinco itens, com uma escala de resposta de 1 a 7, sendo a pontuação mínima 5 e a máxima 35 (Diener et al., 1985). Neste estudo, utilizou-se uma versão adaptada e validada para a população portuguesa que, contendo igualmente cinco itens, conta com uma escala de

resposta de 1 a 5, em que a pontuação mínima é de 5 e a máxima de 25 (Simões, 1992). Os resultados desta escala foram igualmente padronizados, variando entre 0 e 100. Encontrou-se um elevado nível de consistência interna, com o Alfa a cifrar-se em 0,84.

### Amostra

Foram inquiridos 567 idosos com idades compreendidas entre os 65 e os 98 anos, com uma média de 75,53 anos de idade (DP=7,60). Pode verificar-se que 52,2% dos sujeitos tem menos de 75 anos, ou seja, cerca de metade da amostra é constituída por idosos jovens. A maioria dos inquiridos (n= 357; 63,0%) pertence ao sexo feminino.

**Tabela 2**

Dados sociodemográficos dos participantes.

Variáveis	N (n=567)	%	M (DP)	Min	Max
<b>Sexo</b>					
Feminino	357	63,0			
Masculino	210	37,0			
<b>Idade</b>					
≤ 75 anos	296	52,2			
76 – 85 anos	204	36,0	75,53 (7,60)	65	98
≥ 86 anos	67	11,8			
<b>Estado Civil</b>					
Solteiro(a)	42	7,4			
Casado(a)/União de facto	305	53,8			
Viúvo(a)	195	34,4			
Divorciado(a)	24	4,2			
<b>Filhos</b>					
Com filhos	498	87,8			
Sem filhos	69	12,2			
<b>Zona de Residência</b>					
Isolada	52	9,2			
Inserido em aglomerado populacional	515	90,8			
<b>Contexto de vida</b>					
Na sua casa	459	81,0			
Em casa de familiares	49	8,6			
Institucionalizados	47	8,3			
Outra	12	2,1			
<b>Vive só</b>					
Sim	117	20,6			
Não	450	79,4			
<b>Apoio de Serviços</b>					
Sim	139	24,5			
Não	428	75,5			
<b>Institucionalizado</b>					
Sim	47	8,3			
Não	520	91,7			

Relativamente ao estado civil, a maior parte dos inquiridos está casado ou em união de facto (53,8), seguindo-se os viúvos (34,4%), os solteiros (7,4%) e, por último, os divorciados (4,2%). A maior parte dos inquiridos tem filhos (87,8%), vive inserido em aglomerado populacional (90,8%) e reside na sua casa (81,0%). 8,3% dos idosos inquiridos estão institucionalizados e 24,5% usufruem de algum tipo de apoio formal.

## **RESULTADOS**

Relativamente à relação entre características sociodemográficas dos respondentes e o tipo de rede, verificaram-se diversas associações significativas (Tabela 3). Assim, é possível constatar que as redes diversificadas estão mais associadas aos estados civis de solteiro e divorciado. Entre os solteiros, 88,1% apresentam redes diversificadas, descendo esta percentagem para 75,0% entre os divorciados. Embora as redes diversificadas sejam sempre as que apresentam maior percentagem de sujeitos entre os grupos considerados, verificou-se que entre os casados e viúvos existe uma distribuição mais equitativa entre os dois tipos, com os 48,5% dos sujeitos casados e 45,1% dos sujeitos viúvos a apresentarem redes exclusivamente familiares.

Outra característica sociodemográfica que se associa ao tipo de rede é a presença ou ausência de filhos. Neste sentido, verificou-se que 76,8% dos sujeitos que referiram não ter filhos apresentam redes diversificadas, enquanto entre aqueles que têm filhos a percentagem de redes diversificadas é de 53,4%. Por isso, é possível constatar uma associação entre o tipo de rede diversificado e a ausência de filhos.

A zona de residência também se relaciona com os tipos de rede. Os dados revelam que existe uma maior percentagem de redes diversificadas entre os sujeitos que residem em zonas isoladas (71,2%). Entre os sujeitos que residem em aglomerados populacionais, a distribuição pelos dois tipos de rede é mais equitativa (45,2% com redes exclusivamente familiares e 54,8% com redes diversificadas). O facto de o idoso habitar sozinho (ou com outras pessoas) apresenta igualmente relações com o tipo de rede. Verifica-se que, dos indivíduos que habitam sós, 70,1% detêm redes diversificadas. Esta percentagem desce para os 52,7% entre aqueles que vivem com outrem.

As redes diversificadas são ainda mais frequentes entre os sujeitos que vivem institucionalizados (70,2%). Entre aqueles que não se encontram institucionalizados, a percentagem de redes diversas é de 55%. Por último, importa assinalar que não foi encontrada uma associação significativa entre o tipo de rede e as variáveis sexo, grupo etário, contexto de vida, apoio de serviços e escolaridade.

Relativamente à variável sexo, e apesar deste dado não ser estatisticamente significativo, é possível verificar uma maior percentagem de mulheres com redes exclusivamente familiares (44,5%) por comparação com os homens (42,4%).

A idade e o contexto de vida do inquirido também não se mostraram serem factores associados a diferentes tipos de rede. Não se verificam diferenças estatisticamente significativas, embora seja de frisar que as redes diversificadas são mais frequentes entre os indivíduos institucionalizados. As redes diversificadas são igualmente mais comuns entre os idosos jovens (com idade igual ou inferior a 75 anos) e os idosos mais velhos (com idades superiores a 85 anos de idade).

Relativamente ao apoio de serviços, a percentagem dos tipos de rede é mais equitativa entre os inquiridos que não beneficiam de qualquer tipo de apoio (45,3% com redes exclusivamente familiares e 54,7% com redes diversificadas), do que entre aqueles que recebem algum apoio de serviços (61,2% com redes diversificadas e 38,8% com redes exclusivamente familiares). Apesar da não significância estatística, as redes exclusivamente familiares parecem estar mais associadas à ausência de apoios formais e as redes diversificadas à sua presença.

Quanto à escolaridade, os valores obtidos não revelam associações estatisticamente significativas com o tipo de rede. Contudo, é de salientar que as redes exclusivamente familiares são mais frequentes entre os sujeitos sem escolaridade (46,2%) por comparação com aqueles que apresentam algum grau de escolaridade (42,7%).

Em resumo, as redes diversificadas estão associadas aos solteiros e divorciados, sem filhos, residentes em locais isolados e com agregados familiares compostos apenas pelo próprio. Embora as redes diversificadas apresentem, quase sempre, as maiores percentagens nos grupos considerados, é possível afirmar que as redes exclusivamente familiares são mais frequentes entre os casados e viúvos, com filhos, a viverem em aglomerados populacionais e com familiares no agregado, sem apoio de serviços e não institucionalizados.



**Tabela 3**

Comparação da frequência dos tipos de rede segundo as variáveis sociodemográficas.

	<b>Redes Exclusivamente Familiares n= 248</b>	<b>Redes Diversificadas n= 319</b>	<b>Total n=567</b>	<b>Testes</b>
	<b>% dentro do grupo (% em relação ao total)</b>	<b>% dentro do grupo (% em relação ao total)</b>	<b>% dentro do grupo (% em relação ao total)</b>	<b>Qui-Quadrado</b>
<b>Sexo</b>				
Feminino	44,5 (28,0)	55,5 (34,9)	100,0 (63,0)	$X^2 = 0,250$ ; gl= 1; $p = 0,617$
Masculino	42,4 (15,7)	57,6 (21,3)	100,0 (37,0)	
<b>Idade</b>				
≤ 75 anos	40,5 (21,2)	59,5 (31,0)	100,0 (52,2)	$X^2 = 5,143$ ; gl= 2; $p = 0,76$
76 – 85 anos	50,0 (18,0)	50,0 (18,0)	100,0 (36,0)	
≥ 86 anos	38,8 (4,6)	61,2 (7,2)	100,0 (11,8)	
<b>Estado Civil</b>				
Solteiro(a)	11,9 (0,9)	88,1 (6,5)	100,0 (7,4)	$X^2 = 23,723$ ; gl= 3; $p = 0,000^{**}$
Casado(a)/União				
de facto	48,5 (26,1)	51,5 (27,7)	100,0 (53,9)	
Viúvo(a)	45,1 (15,5)	54,9 (18,9)	100,0 (34,5)	
Divorciado(a)	25,0 (1,1)	75,0 (3,2)	100,0 (4,2)	
<b>P(M)aternidade</b>				
Com filhos	46,6 (40,9)	53,4 (46,9)	100,0 (87,8)	$X^2 = 13,483$ ; gl= 1; $p = 0,000^{**}$
Sem filhos	23,2 (2,8)	76,8 (9,3)	100,0 (12,2)	
<b>Zona de Residência</b>				
Isolada	28,8 (2,6)	71,2 (6,5)	100,0 (9,2)	$X^2 = 5,160$ ; gl= 1; $p = 0,023^*$
Inserida em				
aglomerado	45,2 (41,1)	54,8 (49,7)	100,0 (90,8)	
populacional				
<b>Contexto de vida</b>				
Na sua casa	43,8 (35,4)	56,2 (45,5)	100,0 (81,0)	$X^2 = 4,765$ ; gl= 3; $p = 0,190$
Em casa de				
familiares	51,0 (4,4)	49,0 (4,2)	100,0 (8,6)	
Institucionalizados	31,9 (2,6)	68,1 (5,6)	100,0 (8,3)	
Outra	58,3 (1,2)	41,7 (0,9)	100,0 (2,1)	
<b>Habitação</b>				
Vive só	29,9 (6,2)	70,1 (14,5)	100,0 (20,6)	$X^2 = 11,449$ ; gl=1; $p = 0,001^{**}$
Não vive só	47,3 (37,6)	52,7 (41,8)	100,0 (79,4)	
<b>Apoio de Serviços</b>				
Sim	38,8 (9,5)	61,2 (15,0)	100,0 (24,5)	$X^2 = 1,789$ ; gl=1; $p = 0,181$
Não	45,3 (34,2)	54,7 (41,3)	100,0 (75,5)	
<b>Institucionalizado</b>				
Sim	29,8 (2,5)	70,2 (5,8)	100,0 (8,3)	$X^2 = 4,054$ gl=1 $p = 0,044^*$
Não	45,0 (41,3)	55,0 (50,4)	100,0 (91,7)	
<b>Escolaridade</b>				
Com escolaridade	42,7 (29,8)	57,3 (40,0)	100,0 (69,8)	$X^2 = 0,602$ gl= 1 $p = 0,438$
Sem escolaridade	46,2 (13,9)	53,8 (16,2)	100,0 (30,2)	

\*  $p \leq 0,05$  \*\*  $p \leq 0,01$

Relativamente à comparação das variáveis estruturais nos dois tipos de rede (Tabela 4), importa referir que as redes exclusivamente familiares são menores, com menos 2 a 3 elementos na rede, sendo esta diferença estatisticamente significativa. Estas redes são ainda pontuadas por uma maior proximidade geográfica dos membros que a compõem em relação ao sujeito focal e por níveis mais elevados de densidade (embora seja de assinalar que a densidade é elevada em ambos os tipos de rede). Relativamente à dispersão, importa assinalar que ambas as redes apresentam uma dispersão geográfica situada entre “no mesmo bairro/rua” e “na mesma cidade”, com as redes diversificadas a aproximarem-se mais da última. Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas na durabilidade dos laços, com ambos os tipos de rede a apresentarem bastante estabilidade relacional (a média da duração das relações ronda os 40 anos). Também na frequência de contactos não se verificaram diferenças estatisticamente significativas, com ambos os tipos de rede a serem pontuados por contactos “algumas vezes por semana”.

**Tabela 4**

Comparação das características estruturais da rede segundo a tipologia definida.

	<b>Redes Exclusivamente Familiares (n=248)</b>	<b>Redes Diversificadas (n=319)</b>	<b>T</b>	<b>Sig.</b>
	M (DP)	M (DP)		
<b>Tamanho</b>	6,51 (4,27)	9,16 (5,74)	-6,297	0,000**
<b>Frequência de contatos</b>	2,16 (1,04)	2,14 (0,81)	0,213	0,831
<b>Durabilidade</b>	40,44 (10,69)	39,69 (12,01)	0,769	0,442
<b>Dispersão geográfica</b>	2,66 (1,00)	2,88 (0,82)	-2,798	0,005**
<b>Densidade</b>	99,87 (1,60)	93,57 (14,46)	7,384	0,000**

\* p≤0,05 \*\*p≤0,01

Como se pode constatar através da tabela 5, comparando os dois grupos no que diz respeito às funções exercidas pelos membros da rede, existe uma diferença significativa no apoio emocional, apoio material e instrumental e, ainda, na companhia social, sendo estes tipos de apoio globalmente mais elevados nas redes exclusivamente familiares. Quanto ao apoio informativo e ao acesso a novos contatos, não se observaram diferenças significativas entre os dois tipos de rede. Todas as médias dos diferentes tipos de apoio são superiores nas redes exclusivamente familiares.

Importa ainda referir qual a ordenação dos apoios mais prestados segundo o tipo de rede. Assim, nas redes exclusivamente familiares o apoio mais prestado é o emocional (M=2,71), seguindo-se a companhia (M=2,41), apoio informativo (M=2,41), material/instrumental (M=2,33) e acesso a novos contactos (M=2,20). Nas redes diversificadas o apoio mais facultado é o emocional (M=2,58), seguindo-se o informativo (M=2,34), a companhia (M=2,27), o apoio material/instrumental (M=2,17) e o acesso a novos contactos (M=2,17). Embora a ordenação da relevância dos diferentes tipos de apoio seja bastante similar, e o apoio emocional seja o mais relevante em ambos os tipos de rede, importa referir que a companhia assume maior relevância no tipo de rede exclusivamente familiar, sendo o segundo apoio mais prestado; enquanto essa posição é ocupada pelo apoio informativo nas redes diversificadas. Tanto o apoio material/instrumental e o acesso a novos contactos, são os apoios menos facultados nos dois tipos de rede.

Quanto à reciprocidade, verifica-se uma diferença significativa do ponto de vista estatístico entre os tipos de rede, havendo maior entreaajuda nas redes exclusivamente familiares.

**Tabela 5**

Comparação das características funcionais da rede segundo a tipologia definida.

Variáveis	Redes Exclusivamente Familiares n= 248	Redes Diversificadas n= (319)	T	Sig.
	M (DP)	M (DP)		
<b>Apoio emocional</b>	2,71 (0,39)	2,58 (0,39)	3,962	0,000**
<b>Apoio material e instrumental</b>	2,33 (0,59)	2,17 (0,50)	3,274	0,001**
<b>Apoio informativo</b>	2,41 (0,53)	2,34 (0,47)	1,619	0,106
<b>Companhia social</b>	2,42 (0,50)	2,27 (0,42)	3,928	0,000**
<b>Acesso a novos contactos</b>	2,20 (0,66)	2,17 (0,58)	0,523	0,601
<b>Reciprocidade</b>	3,54 (0,86)	3,24 (0,93)	4,049	0,000**

\* p≤0,05 \*\*p≤0,01

Nas tabelas 6 e 7 podemos verificar os resultados padronizados do MHI-5 e do SWLS segundo o tipo de rede. No que diz respeito à saúde mental, os resultados sugerem que não existem diferenças estatisticamente significativas entre os dois tipos de rede. O mesmo se pode observar na escala de satisfação com a vida, embora nesta exista uma maior diferença entre os tipos de rede, ainda que não significativa em termos

estatísticos. Em resumo, é possível assinalar que, tanto ao nível da saúde mental, como na satisfação com a vida, as pontuações mais elevadas encontram-se nas redes exclusivamente familiares, embora as diferenças relativamente às redes diversificadas não apresentem significância estatística.

**Tabela 6**

Comparação dos resultados do MHI-5 segundo o tipo de rede.

<b>Variáveis</b> (Durante quanto tempo no mês passado se sentiu:)	<b>Redes Exclusivamente Familiares</b> n= 248 M (DP)	<b>Redes Diversificadas</b> n= 318 M (DP)	<b>T</b>	<b>Sig.</b>
MHI-5	59,06 (22,08)	57,04 (21,25)	1,103	0,270

\* p≤0,05 \*\*p≤0,01

**Tabela 7**

Comparação dos resultados do SWLS segundo o tipo de rede.

<b>Variáveis</b>	<b>Redes Exclusivamente Familiares</b> n= 248 M (DP)	<b>Redes Diversificadas</b> n= 319 M (DP)	<b>T</b>	<b>Sig.</b>
SWLS	60,16 (22,36)	57,12 (23,62)	1,559	0,120

\* p≤0,05 \*\*p≤0,01

## DISCUSSÃO

Relativamente aos resultados apresentados é possível destacar: 1) o tipo de rede apresenta associações significativas com determinadas variáveis sociodemográficas (estado civil, p(m)aternidade, zona de residência, padrão residencial, institucionalização); 2) a composição exclusivamente familiar ou diversificada está associada a diferentes características estruturais (as redes diversificadas são maiores, com maior dispersão geográfica e menor densidade) e diferentes características funcionais (as redes exclusivamente familiares apresentam maiores índices de suporte emocional, material/instrumental e de companhia); 3) os diferentes tipos de rede não estão associados significativamente às variáveis de bem-estar consideradas (saúde mental e satisfação com a vida), embora as pontuações mais elevadas se verifiquem nas redes exclusivamente familiares.

Relativamente às características sociodemográficas, nomeadamente no que diz respeito ao estado civil, realça-se a elevada percentagem de solteiros(as) e divorciados(as) com redes diversificadas, e um maior equilíbrio entre os dois tipos de rede nas condições de casado(a) e viúvo(a). Estes dados vão ao encontro da literatura que associa “redes familiares intensas” à presença de cônjuges e filhos na rede (Litwin, 1995). Contudo, outros estudos revelaram que a conjugalidade também poderia estar associada a redes diversificadas (Litwin, 2001).

De forma contígua, os resultados sobre a parentalidade dos inquiridos indicou uma associação significativa entre não ter filhos e possuir redes diversificadas. As redes exclusivamente familiares pareciam, por outro lado, estar associadas à presença de filhos (embora a prevalência de redes diversificadas entre os sujeitos com filhos fosse elevada). Os estudos revelam que a presença de filhos pode estar associada a redes mais focadas na família (Litwin, 1995; Melkas e Jylhä, 1996), mas também as redes diversificadas podem estar associadas à presença de filhos (Litwin e Shiovitz-Ezra, 2010). Wenger (1991) assinalou que as redes de suporte dependentes da família estavam mais associadas aos casos em que o idoso residia com os filhos adultos. Neste sentido, a presença de filhos e cônjuges pode estar associada a um maior enfoque nas relações familiares. Por exemplo, alguns estudos salientam a importância das gerações intermédias, dos filhos dos idosos, como elos de ligação com a família alargada (Vicente e Sousa, 2010); contudo, a presença destes elementos também pode estar associada a uma abertura da rede do idoso a outros elementos fora do contexto familiar. Neste sentido, é possível hipotetizar que enquanto aqueles que têm filhos podem optar entre centrar as suas relações na família ou aproveitar estes laços para diversificar a sua rede, aqueles que não têm filhos têm necessariamente que diversificar a sua rede.

Quanto à zona de residência, os dados revelaram que entre os indivíduos a viverem em zonas isoladas existe uma maior percentagem de inquiridos com redes diversificadas (71,2%). Estes resultados vão ao encontro dos obtidos no estudo de Paúl e colaboradores (2003), em que os autores aferiram uma predominância de redes maiores em zonas mais isoladas, compostas essencialmente por vizinhos e amigos, devido à emigração dos familiares.

Ao analisar o modo de habitação dos inquiridos, é perceptível que aqueles que vivem sós tendem a apresentar redes diversificadas (70,1%), sublinhando uma vez mais a associação entre não viver com familiares (que são geralmente as pessoas com quem o idoso partilha a habitação) (Cabral et al., 2013) e a diversificação do tecido social do

inquirido. Os dados revelam ainda que a maioria dos sujeitos institucionalizados (70,2%) possui redes diversificadas. Isto permite concluir que, em contexto institucional, os indivíduos tendem a manter relações com, pelo menos, dois campos relacionais (e.g. familiares e técnicos, familiares e amigos, ou técnicos e amigos). Este dado também nos permite observar que, dentro do grande grupo de “redes diversificadas” poderemos encontrar muitos tipos de rede diferentes (e.g. redes pouco dotadas estrutural e funcionalmente de idosos muito velhos a residir em instituições vs. redes muito dotadas estrutural e funcionalmente de idosos novos a residir no seu contexto). Estudos futuros poderão analisar as diferenças entre as redes diversificadas de indivíduos a viver na sua habitação e as redes diversificadas de indivíduos institucionalizados. A definição de tipologias que considere *a priori* a variável “institucionalização” também poderá facultar informações relevantes.

Ainda relativamente às características sociodemográficas, importa destacar que não foram encontradas associações estatisticamente significativas entre o tipo de rede e o grupo etário. Contudo, no estudo de Cabral e colaboradores (2013), os dados obtidos indicaram que as redes predominantemente não-familiares são mais frequentes entre os idosos mais novos. No estudo de Wenger (1996), verificou-se que os idosos com redes “dependentes da família” apresentam mais idade do que nos restantes tipos de rede. Neste estudo, as redes diversificadas foram mais frequentes entre os idosos-jovens e os idosos-idosos, um resultado que pode estar associado ao facto de as redes diversificadas incluírem uma multiplicidade de situações bastante distintas.

Relativamente às características da rede, os resultados indicaram algumas diferenças estatisticamente significativas entre os tipos, tanto ao nível estrutural como funcional. É possível constatar que as redes diversificadas são tendencialmente maiores, mais dispersas e menos densas, quando comparadas com as redes exclusivamente familiares. No que diz respeito ao tamanho, encontramos resultados similares no estudo de Wenger (1996), onde as redes “dependentes da família” demonstraram ser menores. As redes exclusivamente familiares poderão ser menores devido à baixa heterogeneidade, ou seja, à inexistência de diferentes tipos de laços. Quanto à dispersão geográfica, os resultados indicam uma maior proximidade física entre o inquirido e os elementos da sua rede nas redes exclusivamente familiares. Estes resultados assemelham-se aos obtidos em alguns estudos. Wenger (1991) verificou que nas redes de suporte dependentes da família, quando o inquirido não reside com os seus filhos, a distância geográfica com estes é muito reduzida. Litwin (1995) observou que o grau de

proximidade entre o inquirido e os membros da sua rede na “rede familiar intensa” era bastante elevado, sendo menor na “rede de parentela”, moderado na “rede focada nos amigos” e mais reduzido nas “redes de laços difusos”. Em 2001 o mesmo autor realizou outro estudo onde verificou que nas “redes familiares” os inquiridos possuíam filhos a residirem próximo de si. Cabral e colaboradores (2013) observaram que as redes “predominantemente familiares” eram dotadas de uma menor distância geográfica do que as “predominantemente não-familiares”, tendo os inquiridos uma elevada percentagem dos filhos a residirem com eles, ou numa zona muito próxima.

Resumindo, as redes diversificadas são maiores, mas mais dispersas geograficamente. Assim, este tipo de rede pode ter como ponto forte uma maior disponibilidade de recursos e menor sobrecarga dos elementos da rede (Sluzki, 1996), mas como fragilidade uma acessibilidade mais limitada aos mesmos. A densidade, que se mostrou significativamente maior nas redes exclusivamente familiares, também revelou pontos de contacto com outros estudos. No estudo de Cabral e colaboradores (2013) os resultados demonstraram que uma maior durabilidade nas redes predominantemente familiares era justificável pela presença de elementos da família que se conhecem entre si desde sempre, apontando também para um maior nível de densidade neste tipo de redes. Embora os valores sejam ligeiramente superiores nas redes exclusivamente familiares, não se observaram diferenças estatisticamente significativas entre os dois tipos de rede, tanto na durabilidade dos vínculos, como na frequência de contactos. Estes resultados merecem alguma atenção, pois não condizem com aqueles revelados na literatura. No estudo de Litwin (1995) foram observados elevados níveis de frequência de contactos e de duração dos laços na “rede familiar intensa”, sendo estes menores na “rede de parentela”, moderados na “rede focada nos amigos” e mais reduzidos nas “redes de laços difusos”. Por outro lado, Cabral e colaboradores (2013) apresentaram resultados que indicaram relações mais duradouras nas redes “predominantemente familiares”, quer pela presença de familiares, quer pela presença do cônjuge, em contraste com as relações mais recentes nas redes “predominantemente não familiares”. É possível hipotetizar que, apesar da maior distância geográfica, os sujeitos com redes diversificadas continuam a manter contactos frequentes com os elementos da sua rede que, apesar de pertencerem a outros campos relacionais, apresentam laços com o sujeito focal bastante duradouros (ou seja, em ambos os casos a estabilidade da rede é elevada).

Quanto à dimensão funcional da rede, a percepção do suporte recebido mostrou-se tendencialmente mais elevada nas redes exclusivamente familiares, para todos os tipos de apoio considerados. Contudo, importa assinalar que não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os dois tipos de rede no apoio informativo e de acesso a novos contactos. Resultados semelhantes foram encontrados em estudos anteriores. Litwin (1995), por exemplo, verificou que os elementos que constituem a “rede familiar intensiva” são os mais aptos a comportamentos solidários. Do mesmo modo, a reciprocidade dos apoios demonstrou ser mais elevada nas redes exclusivamente familiares. Os resultados do estudo de Wenger (1991) corroboram o presente estudo, dado ter-se verificado na rede de suporte dependente da família uma tendência para elevados níveis de apoio baseados na reciprocidade, em contraste com a escassez de reciprocidade característica da rede de suporte focada na comunidade alargada. No entanto, Wentowski (1981) observou que as relações menos íntimas têm mais necessidade de reciprocidade do que as relações mais próximas, e Litwin (1995) verificou que a reciprocidade da rede diminui com o entardecer da vida, principalmente nas redes de base familiar.

Assim, é possível concluir que as redes diversificadas, embora sejam maiores, são menos dotadas de apoio, ou seja, embora sejam igualmente frequentes os contactos, estes nem sempre implicam a troca de apoio. Cabral e colaboradores (2013) defendem que a uma menor distância física (que, como verificado anteriormente, pertence às redes exclusivamente familiares) corresponde uma maior proximidade emocional e recepção de apoio por parte de elementos familiares. Rosa e Benício (2009) afirmam que quem mais fornece os diversos tipos de apoio ao idoso é a família; outros autores, como Cabral e colaboradores (2013) e Wenger (1991) defendem que as principais figuras a ceder esse apoio pertencem à família nuclear. Neste âmbito, importa ainda salientar (em virtude da associação entre tipo de rede e parentalidade enunciada anteriormente) que os filhos geralmente tornam-se a primeira fonte de apoio emocional e instrumental para os idosos (Figueiredo, 2007), o que poderá justificar os maiores níveis de apoio encontrados nas redes exclusivamente familiares. Contudo, deveremos exercer cautela quanto à interpretação dos resultados. Se estes parecem indicar que as redes exclusivamente familiares são mais suportativas que as redes diversificadas, as divergências também se podem dever às diferenças do nível do tamanho e aos procedimentos de cálculo de médias para a determinação dos níveis de apoio. Sendo as redes exclusivamente familiares menores em tamanho, os valores de apoio são divididos



por menos indivíduos para calcular as médias que são posteriormente analisadas. Por exemplo, nas redes diversificadas os indivíduos podem assinalar amigos ou vizinhos que não facultam suporte, conjuntamente com familiares que facultam suporte, o que poderá traduzir um decréscimo no valor médio do apoio da rede.

Quanto à associação entre variáveis de bem-estar e tipo de rede, ao analisar os resultados do MHI-5, e embora as diferenças apresentadas não sejam estatisticamente significativas, é possível constatar resultados ligeiramente superiores nas redes exclusivamente familiares. Litwin (1995) demonstrou a existência de uma correlação significativa e positiva entre a saúde mental e a presença de pessoas íntimas e de elementos da família nuclear, mas também de amigos. No estudo de Newsom e Schulz (1996), embora os tipos de laços, familiares ou de amizade, não tenham pontuado como preditores significantes de sintomatologia depressiva, verificou-se que um suporte social mais reduzido desencadeia uma diminuição na satisfação com a vida e um aumento dos sintomas depressivos. No entanto, no estudo de Wenger (1996) os idosos com “redes dependentes da família” apresentaram-se menos saudáveis do que os idosos com os restantes tipos de rede. Estudos com tipologias mais complexas poderão facultar uma melhor compreensão da relação entre saúde mental e rede social nas fases finais do ciclo vital.

No SWLS verificou-se uma tendência similar à referenciada anteriormente para o MHI-5, com os indivíduos com redes exclusivamente familiares a revelarem níveis ligeiramente mais elevados do que aqueles com redes diversificadas, apesar desta diferença não ser estatisticamente significativa. A maior satisfação com a vida nas redes exclusivamente familiares vai ao encontro dos dados encontrados no estudo de Newsom e Schulz (1996), onde os indivíduos com redes familiares apresentam uma maior satisfação com a vida. Pinquart e Sörensen (2000) referenciam a existência de um envelhecimento mais saudável e satisfatório aquando de uma maior frequência de contactos com familiares. Estes autores defendem que existe uma maior satisfação com a vida e uma melhor qualidade da relação, quando os vínculos são formados com filhos, comparativamente aos laços de amizade. Contudo, no estudo realizado pelos mesmos autores, os resultados indicaram também uma maior relevância da quantidade de amigos para o bem-estar do sujeito focal, do que da quantidade de elementos familiares. A qualidade das relações mostrou exercer uma influência mais acentuada na satisfação com a vida entre relações familiares do que entre amigos.

Os dados encontrados levam a crer que a principal limitação do estudo consistiu na tipologia de rede utilizada. Efectivamente, estes sugerem que dentro de cada um dos dois tipos considerados podem existir redes muito diferentes e indivíduos com características muito diferentes, o que poderá, eventualmente, explicar algumas das divergências com a literatura anteriormente referidas. Por exemplo, nas redes exclusivamente familiares poderemos ter redes centradas na família nuclear e redes centradas na família alargada; nas redes diversificadas, poderemos encontrar redes de amizade, de vizinhança e centradas nos apoios formais dos técnicos. Por outro lado, a tipologia apresentada talvez não permita distinguir aqueles que têm relações diversificadas porque o desejam, daqueles que têm relações diversificadas por imposição contextual. O reconhecimento desta limitação traduz-se na principal sugestão de estudos futuros, que poderão definir tipologias mais complexas, utilizando diversas variáveis de rede para sua definição (e não apenas a composição) e outros procedimentos estatísticos, como a análise de *clusters*. Contudo, o presente estudo configura um contributo para a investigação na medida em que sustenta a viabilidade de tais análises de tipologias. Neste caso em particular, foi possível identificar dois tipos de rede com características diferentes e associadas a indivíduos com características sociodemográficas distintas. Este conhecimento é relevante para a intervenção, pois o reconhecimento dos pontos fortes e fragilidades dos diferentes tipos de rede poderá auxiliar na avaliação dos casos e na previsão do que acontecerá em caso de mudança de tipo de rede.

## CONCLUSÕES

Este estudo constitui um primeiro esboço de análise de uma tipologia de redes que, em virtude dos resultados obtidos, salienta a importância de desenvolver trabalhos de investigação adicionais através desta perspectiva.

Verificaram-se diferenças entre os tipos de rede que podem configurar pontos fortes e fragilidades das mesmas, a considerar, tanto por investigadores, como por interventores no terreno a trabalhar com idosos. As redes exclusivamente familiares apresentaram como pontos fortes serem redes mais suportativas, com maior acessibilidade (menor dispersão) dos seus membros; como fragilidades destas redes foi possível identificar o tamanho reduzido e a maior densidade. As redes diversas

apresentam como pontos fortes o tamanho e a menor densidade, mas como fragilidades a maior dispersão geográfica e os menores níveis de suporte.

Apesar de não terem sido encontradas associações entre os tipos de rede e as variáveis de bem-estar, considera-se relevante realizar estudos adicionais, até porque a literatura tende a salientar esta associação. Sugere-se, assim, a criação de tipologias mais específicas, pois dentro dos dois tipos estudados podem emergir outros tipos de rede.

## BIBLIOGRAFIA

- Antonucci, T. C. (2001). Social Relations: an examination of social networks, social support, and sense of control. In J. E. Birren e K. W. Schaie (2001), *Handbook of the Psychology of Aging*, (5<sup>th</sup> ed.) (427-453). San Diego, California: Academic Press.
- Cabral, M. V. (coord.); Ferreira, P. M.; Silva, P. A.; Jerónimo, P. e Marques T. (2013). *Processos de envelhecimento em Portugal: usos do tempo, redes sociais e condições de vida*. Lisboa, Portugal: Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Coimbra, A. (1990). Redes sociais: Apresentação de um instrumento de avaliação. *Análise Psicológica*, 2 (VIII), 171-177.
- Costa, A. (2012). *A família cuidadora perante a dependência do seu familiar idoso*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Ciências Médicas - Universidade Nova de Lisboa, Portugal.
- Diener, E., Emmons, R. A., Larsen, R. J. e Griffin, S. (1985). The Satisfaction with Life Scale. *Journal of Personality Assessment*, 49 (1), 71-75.
- Figueiredo, D. M. P. (2007). *Prestação familiar de cuidados a idosos dependentes e com e sem demência: abordagem multidimensional das (dis)semelhanças*. Dissertação de Mestrado, Secção Autónoma de Ciências da Saúde - Universidade de Aveiro.
- Fiori, K. L.; Antonucci, T. C. e Cortina, K. S. (2006). Social Network Typologies and Mental Health Among Older Adults. *Journal of Gerontology*, 61B, (1): 25-32.
- Golden, J. et al. (2009). Loneliness, social support networks, mood and wellbeing in community-dwelling elderly. *International Journal of Geriatric Psychiatry*, 24, 694-700.

- Guadalupe, S. e Alarcão, M. (2009). Instrumento de análise da rede social pessoal. Manuscrito não publicado, Instituto Superior Miguel Torga de Coimbra.
- Litwin, H. (1995). *Unrooted in old age: soviet Jews and their social networks in Israel*. Westport, CT: Praeger.
- Litwin, H. (1996). *The social network of older people: a cross national analysis*. Westport, CT: Praeger.
- Litwin, H. (2001). Social network type and morale in old age. *The Gerontologist*, 41 (4), 516-524. Acedido Abril 7, 2015.
- Litwin, H. (2010). Social network type and subjective well-being in a national sample of older americans. *The Gerontologist*, 51 (3), 379-388.
- Meléndez-Moral, J. C.; Tomás-Miguel, J. M. e Navarro-Pardo, E. (2007). Análisis de las redes sociales en la vejez a través de la entrevista Manheim. *Salud Pública*, 49, 408-414.
- Melkas, T. e Jylhä, M. (1996). Social network characteristics and social network types among Eldery People in Finland. In H. Litwin (Ed.), *The social network of older people: a cross national analysis* (pp. 99-116). Westport, CT: Praeger.
- Newsom, J. T. e Schulz, R. (1996). Social support as a mediator in the relation between functional status and quality of life in older adults. *Psychology and Aging*, 11 (1), 34-44.
- Paúl, C., Fonseca, A. M., Martín, I., Amado, J. (2003). Psychosocial profile of rural and urban elders in Portugal. *European Journal of Psychology*, 8 (3), 189-197.
- Pinquart M e Sörensen S (2000). Influences of socioeconomic status, social network, and competence on subjective well-being in later life: a meta-analysis. *Psychology and Aging*, 15 (2), 187-224.
- Rosa, T. E. C. e Benício, M. H. A. (2009). As redes sociais e de apoio: o conviver e a sua influência sobre a saúde. *Envelhecimento e Saúde*, 47, 80-83.
- Ribeiro, J. L. P. (2001). Mental Health Inventory: um estudo de adaptação à população portuguesa. *Psicologia, Saúde e Doenças*, 2 (1), 77-99.
- Simões, A. (1992). Ulterior validação de uma escala de satisfação com a vida (SWLS). *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 26(3), 503-515. In Diener, E., Emmons, R. A., Larsen, R. J. e Griffin, S. (2010). The Satisfaction With Life Scale. *Journal of Personality Assessment*, 49(1), 71-75.
- Sluzki, C.E. (1996). *La red social: frontera de la practica sistematica*. Barcelona, Espanha: Gedisa Editorial.

- Vicente, H. T. e Sousa, L. (2010). Funções na família multigeracional: Contributo para a caracterização funcional do sistema familiar multigeracional. *Psychologica*, 53, 157-181.
- Vicente, H. T. e Sousa, L. (2012). Redes sociais pessoais das gerações mais velhas: Famílias com quatro gerações vivas. *Revista Temática Kairós Gerontologia*, 15 (2), 75-98.
- Wenger, G. C. (1989). Support networks in old age: constructing a typology. In M. Jefferys (Ed.), *Growing Old in the Twentieth Century* (pp. 169-185). London: Routledge.
- Wenger, G. C. (1991). A network typology: from theory to practise. *Journal of Aging Studies*, 5 (2), 147-162.
- Wenger, G. C., Davies, R., Shahtahmasebi, S. e Scott, A. (1996). Social Isolation and Loneliness in Old Age: Review and Model Refinement. *Ageing and Society*, 16, 333-358.
- Wentowski, G. J. (1981). Reciprocity and the coping strategies of older people: Cultural dimensions of network building. *Gerontologist*, 21(6), 600-609.

## **ANEXOS**